

UNI-FACEF CENTRO UNIVERSITÁRIO DE FRANCA

SILMARA APARECIDA ZELIOLI

A POSIÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

FRANCA

2015

SILMARA APARECIDA ZELIOLI

A POSIÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Monografia apresentada ao Uni-FACEF
Centro Universitário de Franca, para
obtenção do título de bacharel em
Ciências Econômicas.

Orientador: Profa. Dra. Ana Tereza
Jacinto Teixeira.

FRANCA
2015

SILMARA APARECIDA ZELIOLI

A POSIÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Monografia apresentada ao Uni-FACEF
Centro Universitário de Franca para
obtenção do título de bacharel em
Ciências Econômicas.

Franca, 28 de agosto de 2015.

Orientador: _____

Nome: Prof. Dra. Ana Tereza Jacinto Teixeira

Instituição: Uni-FACEF Centro Universitário de Franca

Examinador(a): _____

Nome: Prof. Ms. Márcio Benevides Lessa

Instituição: Uni-FACEF Centro Universitário de Franca

Examinador(a): _____

Nome: Prof. Ms. Thalisa Maria Jati Gilberto

Instituição: Uni-FACEF Centro Universitário de Franca

Dedico este trabalho principalmente aos meus pais, amigos, professores e familiares pela dedicação, apoio, compreensão e, sobretudo pela fé depositada em mim durante todos esses anos de vida acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

- Primeiramente a DEUS, por dar sempre força nas horas mais difíceis, discernimento, compreensão e sobretudo paciência, nunca me deixou perder a fé e a ELE dedico toda a minha vida, pois todos os dias peço a Deus que faça do meu coração semelhante ao Dele;
- aos meus pais Maria Aparecida da Silva Zelioli e Edson Aparecido Zelioli que sempre me apoiaram e me deram sabedoria e que me conduziram da melhor forma possível para chegar onde cheguei, às minhas irmãs Silvia Tereza Zelioli Estevam e Stela Cristina Zelioli que também me ajudaram nessa caminhada;
- ao meu noivo Guilherme Prior que foi sempre muito compreensível pelas minhas ausências, sempre esteve do meu lado, nunca deixou de me apoiar e aconselhar nos momentos mais difíceis, momentos esse que pensei em desistir desta busca constante pelos meus ideais e pela realização deste meu grande sonho, a graduação, aproveito aqui para agradecer também os meus sogros Adriana Caceres Muller Prior e Luis Aurélio Prior que da mesma forma constante nunca me deixaram desistir e sempre me ajudaram direta e indiretamente;
- aos meus amigos de sala, em especial às minhas amigas Ana Carla Faria, Bianca Marques, Jessica Whylla, Tamara Carreiras, que sempre me apoiaram e me ajudaram para que eu nunca desistisse da realização dos meus sonhos e principalmente para a realização deste grande objetivo, a cada dia cada uma delas com seu jeito me mostrou o que é ter amigos, amigas de verdade que sempre levarei comigo

para toda a vida, espero ainda que elas nunca se esqueçam que eu preciso dos corações delas batendo sempre feliz para que o meu também possa ser feliz;

- aos colaboradores do Santa Rita Contabilidade & Consultoria, em especial aos diretores Sr. Oripes Gomes Prior e Sr. Luis Aurélio Prior, que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa de caso;
- a minha orientadora, a Profa. Dra. Ana Tereza Jacinto Teixeira, por acreditar e apoiar durante todo o desenvolvimento deste projeto, que além de professora se tornou minha amiga, quem tenho maior admiração e respeito, sempre me dizendo que a jornada não seria fácil mas que também não era impossível;
- ao ilustríssimo e querido Prof. Ms. Márcio Benevides Lessa, que no momento de maior dificuldade na minha vida esteve presente, não me deixando nunca desistir, a quem tenho maior respeito e admiração, que levarei comigo pelo resto da minha vida, e aos demais professores desta Instituição de Ensino Centro Universitário de Franca Uni-FACEF que de alguma forma colaboraram com a minha formação.

*Dizem que a mulher é o sexo frágil
Mas que mentira absurda!
Eu que faço parte da rotina de uma delas
Sei que a força está com elas...*

ErasmO Carlos - MULHER

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade analisar como aconteceu a inserção da mulher no mercado de trabalho. Mostrando como surgiu a criação deste universo no Brasil, desde a abolição de escravidão até os dias atuais. Analisando como aconteceu a entrada da mulher neste universo até então, totalmente dominado pelos homens. Evidenciando assim, todos os percalços passado por elas, os preconceitos que enfrentam até hoje e como conseguiram incentivos para continuarem atrás de seus sonhos. Buscando mostrar detalhes do percorrido desde sua inserção até os dias atuais. Além de demonstrar todas as suas conquistas que foram conseguidas através da força de vontade e persistência no mercado de trabalho.

Palavras-Chave: mercado de trabalho. mulher. evolução.

ABSTRACT

This study aims to analyze how was the integration of woman in the labor market. Showing how its made the creation of this universe in Brazil, since the abolition of slavery, until the present day. Analyzing how was the entry of women in this universe until then totally dominated by men. Showing thus all past mishaps by them, the prejudices they face up to today and how they managed incentives to continue looking for your dreams. Trying to show details made since its insertion until the present day. In addition to demonstrating all his accomplishments that were achieved through willpower and persistence in the labor market.

Keywords: labor market. woman. evolution.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo analizar cómo tiene la integración de la mujer en el mercado laboral. Mostrando cómo su hecho la creación de este universo en Brasil, desde la abolición de la esclavitud hasta la actualidad. Analizando cómo fue la entrada de las mujeres en este universo hasta entonces totalmente dominado por los hombres. Mostrando así todas las desgracias pasadas por ellos, los prejuicios que enfrentan hasta hoy y cómo se las arreglaron incentivos para continuar después de sus sueños. Tratando de mostrar detalles realizados desde su inserción hasta la actualidad. Además de demostrar todo lo que hizo que se lograron a través de la fuerza de voluntad y persistencia en el mercado laboral.

Palabras-clave: mercado de trabajo. mujer. la evolución.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-	GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DE EMPREGO FORMAL SEGUNDO GRAU DE ESCOLARIDADE NO BRASIL.....	20
Figura 2-	MULHER PROFISSIONAL SAINDO DE CASA PARA O TRABALHO..	25
Figura 3-	GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO OCUPADA, POR FORMAS DE INSERÇÃO, SEGUNDO O SEXO.....	30
Figura 4-	GRÁFICO DE DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO OCUPADA, POR GRUPAMENTOS DE ATIVIDADE, SEGUNDO O SEXO.....	38
Figura 5-	REPRESENTATIVIDADE DA MULHER EM FRANCA.....	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO ESTOQUE DE EMPREGO FORMAL.....	18
Tabela 2 -	PROPORÇÃO DE MULHERES ENTRE OS TRABALHADORES FORMAIS SEGUNDO O GRAU DE ESCOLARIDADE.....	22
Tabela 3 -	BRASIL: ESTRUTURA DA POPULAÇÃO ATIVA POR SEXO NO PERÍODO DE 1940-1991.....	27
Tabela 4 -	RAMO DE ATIVIDADE COM PERCENTUAL DA POPULAÇÃO FEMININA.....	29
Tabela 5 -	EVOLUÇÃO CRONOLÓGICA DO PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE.....	32

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 O MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO	16
1.1 A HISTÓRIA DO MERCADO DE TRABALHO.....	16
1.2 ESCOLARIDADE E O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL.....	19
1.3 DESIGUALDADE DE GÊNERO NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO.....	22
2 A EVOLUÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO ...24	
2.1 A INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO.....	24
2.2 O TRABALHO FEMININO NO BRASIL.....	26
3 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DA MULHER NA SOCIEDADE E SUA EVOLUÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DE FRANCA	32
3.1 FATOS HISTÓRICOS QUE MOSTRAM A EVOLUÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE.....	32
3.2 PANORAMICA DA ECONOMIA DA CIDADE DE FRANCA.....	37
3.3 EVOLUÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO DE FRANCA... 38	
4 A OPINIÃO DA MULHER SOBRE A DESIGUALDADE NO MERCADO DE TRABALHO	42
4.1 A MULHER SOBRE O MERCADO DE TRABALHO.....	42
4.2 A VISÃO DE EMPRESÁRIO DA CIDADE DE FRANCA SOBRE A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO E A OPINIÃO DAS MESMAS SOBRE ESTE MERCADO.....	43
CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	46
APÊNDICE	48
ANEXO – IGUALDADE ENTRE HOMENS E MULHERES	60
ANEXO – MULHERES VÃO LEVAR 80 ANOS PARA SE IGUALAR AOS HOMENS	64

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade efetuar uma revisão bibliográfica sobre o mercado de trabalho de uma forma geral, e como se deu a inserção da mulher neste sistema, mostrando todas as dificuldades e como foi o caminho percorrido até agora, qual a posição da mulher no mercado de trabalho.

Este estudo sobre a posição da mulher no mercado de trabalho pode contribuir para o melhor conhecimento sobre o assunto, tentando chamar a atenção sobre cargos de lideranças que são comandados por mulheres no Brasil, mostrando também as dificuldades e preconceitos enfrentados por elas desde o início. Justificando ainda que mesmo com o passar do tempo ainda existe preconceitos na sociedade perante as mulheres, destacando que houve grande evolução da mulher perante o cenário econômico brasileiro, mas ainda há muito que conquistar para que se tornem todos iguais.

Com isso este trabalho contribuirá para a compreensão deste assunto de Inserção e Ascensão da mulher no mercado de trabalho e a sua posição neste mercado, para que possam continuar a acreditar na igualdade da humanidade e o respeito pelas mulheres que ainda na atualidade lutam pelos seus ideais, tentando ser dignamente reconhecida como uma profissional de sucesso, reconhecida pela sociedade e que poderão ser grandes líderes em cargos de confiança, mesmo não deixando de seguir as obrigações referentes às suas origens.

Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizar-se-á, pesquisa bibliográfica, pois ela será desenvolvida através de material já elaborado constituído principalmente de livros, artigos científicos e jornais, pois apresentam notícias atuais, e livros que abordam o assunto do tema. Esta pesquisa bibliográfica se torna de extrema importância para a elaboração deste projeto, complementando a pesquisa com um estudo de caso.

Portanto este trabalho está dividido em quatro capítulos, sendo estes:

- 1º: O mercado de trabalho brasileiro

Que vem mostrar as grandes transformações que o Brasil passou desde o período da escravidão, sendo colônia de Portugal até 1808, após tornou-se

um império, até que em 1889 foi proclamado república. A passagem do trabalho escravo para o trabalho livre e depois para o trabalho formal.

Mostra ainda a escolaridade brasileira, que ainda nos dias atuais é muito precária.

- 2º: A evolução da mulher no mercado de trabalho

Neste capítulo mostra como foi dada a inserção da mulher no mercado de trabalho, que muito antes de sua definitiva inserção as mulheres mais pobres já trabalhavam fora, para o sustento de suas famílias.

- 3º: Análise do comportamento da mulher na sociedade e sua evolução no mercado de trabalho de Franca

Já neste capítulo são mostrados fatos históricos que marcam a vida da mulher no mundo. Mostra também uma panorâmica histórica da economia da cidade de Franca, como a agricultura do café, a produção de calçados. E também a evolução da mulher no mercado de trabalho na cidade de Franca, muitas cidadãs já exercem profissões que antigamente era somente exercida por homens.

- 4º A opinião da mulher sobre as desigualdades do mercado de trabalho.

E para o último capítulo um estudo de caso, buscando a opinião da mulher perante o mercado de trabalho, quais as dificuldades e problemas já enfrentados por elas neste mercado e a opinião de um empresário da cidade de Franca onde a classe trabalhadora de seu estabelecimento é predominantemente feminina.

Neste sentido, o presente trabalho tem por finalidade analisar como se deu a inserção da mulher no mercado de trabalho, sua evolução nesse universo, e qual a sua posição hoje em dia neste mercado. Além de buscar informações com empresários que optaram por contar com esta força de trabalho na cidade de Franca.

1 O MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO

Neste capítulo será mostrado como o mercado de trabalho brasileiro passou por diferentes fases, desde o seu início até os dias atuais, mostrando sua evolução.

1.1 A HISTÓRIA DO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO

O Brasil passou por grandes transformações políticas desde o período do descobrimento, sendo que foi colônia de Portugal até 1808, império de 1808 a 1889, logo depois se tornando uma República. O trabalho escravo foi do início do século XVI até o início de 1888.

O Brasil escravista contava, no início do século XIX, com três milhões de habitantes dos quais 1,6 milhão eram escravos; havia 400 mil negros e mulatos libertos e 1 milhão de brancos,³ o que significa que os escravos representavam mais de 50% da população. No que se refere ao contingente de homens livres e libertos, observa-se um crescimento significativo no decorrer dos anos 1800. À época da abolição da escravidão, os livres e libertos representavam um contingente de cerca de dez milhões de indivíduos, enquanto na condição de 2. Sobre este tema, ver Costa (1985), Fernandes (1969) e Prado Jr. (1945). 3. Estimativas de Malheiros (1866), in Kowaric (1994, p. 33). As Características do Mercado de Trabalho e as Origens do Informal no Brasil 93 escravos mantinham-se tão-somente 720 mil indivíduos, de acordo com as estimativas de Conrad, apresentadas por Kowarick (1994). A maior parte da população livre e liberta estava, entretanto, inserida no que Furtado (1970) chamou de setor de subsistência. Disponível em: <http://www.en.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/Cap_3-10.pdf>. Acesso em 28 jun. 2015.

A história do mercado de trabalho no Brasil começa com o trabalho informal, onde as pessoas não tinham condições regulamentadas pelo governo, ou seja, não tinham vínculos empregatícios.

A passagem do trabalho escravo para o trabalho livre aconteceu após a abolição da escravatura em 1888, com a Lei Áurea. Com isso vieram alguns problemas, onde os escravos que foram abolidos ficavam sem empregos assalariados, ficando assim, sem condição de inserção na sociedade, não tendo fonte de sobrevivência.

Com a chegada dos imigrantes europeus ainda no século XIX, os trabalhos que antes eram feitos por negros, começaram a ser desenvolvidos por imigrantes, pois os donos de terras, comércios e etc achavam que era mais vantajoso trabalhar com imigrantes, pois os mesmos estavam em busca de uma qualidade de vida muito melhor para suas famílias, portanto, eles vendiam o trabalho de hoje para ter um futuro melhor.

O escravo negro não tinha cultura e estímulo para participar de um modelo de parceria, por exemplo, pois “quase não possuindo hábitos de vida familiar, a ideia de acumulação de riqueza é praticamente estranha. Demais, seu rudimentar desenvolvimento mental limita extremamente suas ‘necessidades’. Sendo o trabalho para o escravo uma maldição e o ócio o bem inalcançável, a elevação de seu salário acima de suas necessidades – que estão definidas pelo nível de subsistência de um escravo – determina de imediato uma forte preferência pelo ócio”. Por isso, o ex-escravo passa a viver para suprir apenas as suas necessidades, renunciando ao modelo de parceria. Com isso, o trabalho assalariado foi, no fim do século XIX, o fator econômico de maior importância. Os assalariados geravam gastos em consumo e o proprietário em consumo e acumulação.

Disponível em: <<http://machadoadvogados.com.br/2004/09/01/trabalho-escravo-e-trabalho-livre-no-brasil/>>. Acesso em 17 jul. 2015.

Com o passar dos tempos, os imigrantes vieram ocupando seu espaço, assim como os negros, este com um pouco mais de dificuldades, no entanto, sempre buscando o seu lugar no mercado de trabalho.

No Brasil, atualmente, tem-se o trabalho formal, que significa qualquer ocupação trabalhista com carteira assinada e benefícios, isto é, um trabalho fornecido por qualquer tipo de empresa com todos os direitos trabalhistas garantidos para o empregado.

Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), em uma nota publicada, o estoque de empregos formais entre as grandes regiões do Brasil, não evoluiu significativamente entre 2012 e 2013, conforme os principais resultados da Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho (RAIS-MTE) de 2013 sobre o estoque dos empregos formais no Brasil.

**Tabela 1 Distribuição percentual do estoque de emprego formal
Grandes Regiões e UFs, 2012 e 2013.**

Grandes Regiões e UFs	2012		2013	
	Abs.	%	Abs.	%
Norte	2.622.185	5,5	2.743.248	5,6
Rondônia	365.142	0,8	367.654	0,8
Acre	125.229	0,3	129.232	0,3
Amazonas	616.377	1,3	644.411	1,3
Roraima	93.777	0,2	92.157	0,2
Pará	1.052.344	2,2	1.125.536	2,3
Amapá	122.956	0,3	126.731	0,3
Tocantins	246.360	0,5	257.536	0,5
Nordeste	8.613.556	18,1	8.906.710	18,2
Maranhão	696.348	1,5	721.490	1,5
Piauí	418.380	0,9	444.121	0,9
Ceará	1.423.648	3,0	1.495.923	3,1
Rio Grande do Norte	602.226	1,3	617.645	1,3
Paraíba	628.047	1,3	659.242	1,3
Pernambuco	1.694.647	3,6	1.758.482	3,6
Alagoas	505.132	1,1	509.125	1,0
Sergipe	388.507	0,8	405.775	0,8
Bahia	2.256.621	4,8	2.314.907	4,7
Sudeste	24.099.808	50,8	24.623.001	50,3
Minas Gerais	4.928.225	10,4	5.057.080	10,3
Espirito Santo	926.336	2,0	954.791	2,0
Rio de Janeiro	4.461.706	9,4	4.586.790	9,4
São Paulo	13.783.541	29	14.024.340	28,7
Sul	8.129.698	17,1	8.415.302	17,2
Paraná	3.033.665	6,4	3.121.384	6,4
Santa Catarina	2.103.002	4,4	2.210.927	4,5
Rio Grande do Sul	2.993.031	6,3	3.082.991	6,3
Centro-Oeste	3.993.465	8,4	4.240.172	8,7
Mato Grosso do Sul	617.193	1,3	635.625	1,3
Mato Grosso	744.558	1,6	792.868	1,6
Goiás	1.450.065	3,1	1.509.395	3,1
Distrito Federal	1.181.649	2,5	1.302.284	2,7
Brasil	47.458.712	100	48.948.433	100

Fonte: MTE. Rais Elaboração: DIEESE

Colocando em ordem crescente as regiões brasileiras para apresentar as insignificantes alterações na distribuição de estoque de empregos formais, a região Sudeste em 2013 teve uma redução de 0,5 pontos percentual (p.p) com relação a 2012, onde em 2013 concentrava 50,3% dos empregos formais, em segundo lugar a região Nordeste em 2013 teve um aumento de 0,1 p.p com

relação a 2012. Em terceiro lugar a região Sul com o mesmo percentual de aumento da região Nordeste 0,1 p.p, entre os anos de 2012 e 2013, já em quarto lugar a região Centro-Oeste que teve um aumento de 0,3 p.p em 2013 e por ultimo a região Norte onde também teve um aumento nada significativa de 0,1 p.p em 2013.

1.2 ESCOLARIDADE E O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL

O mercado de trabalho brasileiro com vista ao nível de escolaridade ainda está muito frágil e atrasado para alguns trabalhadores brasileiros. O índice de analfabetismo no Brasil ainda é muito grande e persistente aos dias atuais. Os mais desfavorecidos deixam as escolas muito cedo para trabalharem, onde o salário entra como forma de sobrevivência. Entre alguns países da America Latina o Brasil fica atrás da Argentina, Uruguai e Chile, pois alguns trabalhadores brasileiros possuem apenas cinco anos de escolaridade.

O mercado de trabalho muitas vezes necessita de mão de obra com experiência e não com formação acadêmica, principalmente para os trabalhadores braçais.

Com isso essas características limitam os avanços de produtividade, pois os brasileiros estão em busca de sobrevivência e não formação acadêmica, mas o mercado de trabalho busca sim a formação acadêmica e também a experiência, pois o mercado está cada vez mais exigente em busca de qualidade para melhor atender a população.

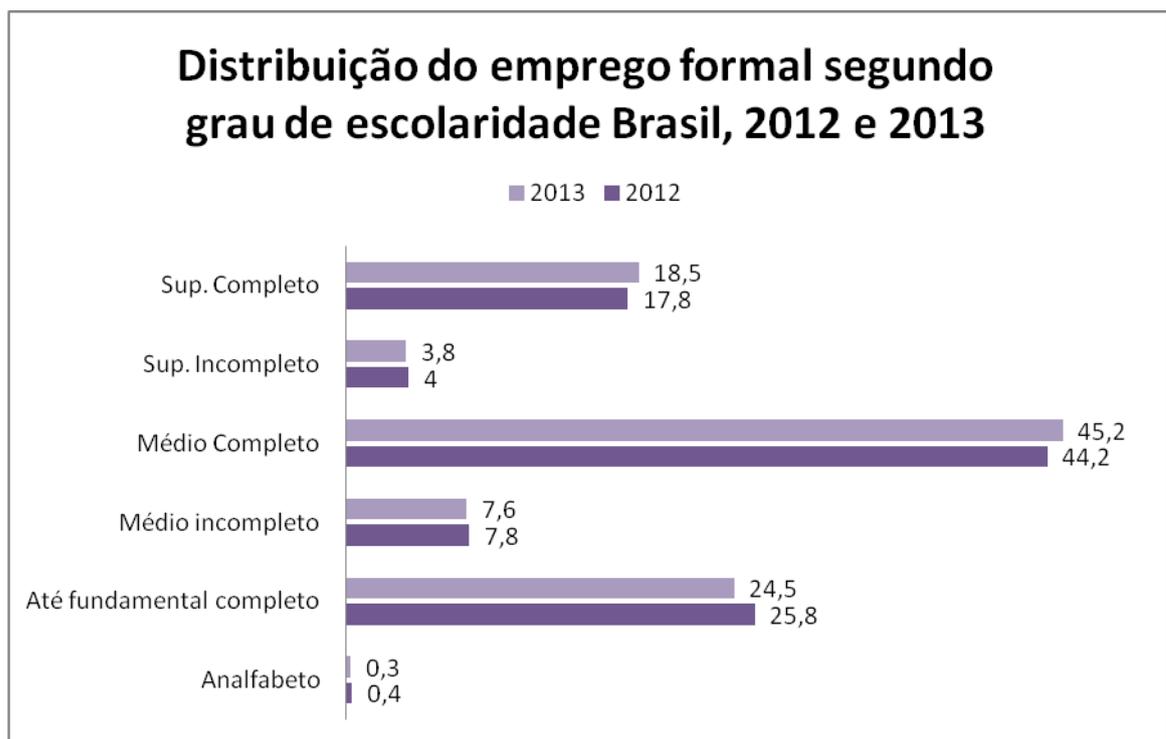
Do ponto de vista da renda também as vantagens da escolaridade no Brasil são óbvias. A remuneração média cresce à medida que cresce a escolaridade. A diferença do salário médio entre os trabalhadores analfabetos, e aqueles que têm curso superior completo, é de 4,5 vezes entre os admitidos no mercado de carteira assinada no Brasil. Entre os desligados do emprego essa diferença é ainda maior (5,3), o que também revela que as empresas estão substituindo, no processo de rotatividade, mão de obra mais cara por mais barata.

As dificuldades para inserção no mercado de trabalho, para quem tem pouca ou nenhuma escolaridade, são crescentes. A exigência de maior escolaridade vem aumentando ano a ano, como mostra o perfil educacional dos admitidos no Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Emprego. Em 2002, 55,5% do pessoal admitido tinha até a 8ª série completa. Esse, percentual cai para 52,91% em 2003 e

em 2004, atingiu 50,09%. Nas faixas de menor escolaridade a queda foi ainda maior. Por outro lado, aumentaram as chances de quem tem maior escolaridade. Em 2002, 4,53% dos postos foram abertos para quem tem curso superior completo, percentual que se elevou para 5,06% em 2004. Disponível em: <http://www.fetecsp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&d=141:escolaridade-e-emprego-no-brasil&catid=47:bandeira-d-e-luta&Itemid=78>. Acesso em 17 de Jul. 2015.

Já no ano de 2013 evidencia-se a elevação do nível de escolaridade dos trabalhadores em empregos formais, onde os que possuem até o ensino médio completo ocupam mais de 45% dos empregos formais, segundo a RAIS de 2013 e os que possuem até o ensino fundamental tem uma redução de 1,3 p.p de 2012 para 2013.

Figura 1: Gráfico de distribuição de emprego formal segundo grau de escolaridade no Brasil.



Fonte: MTE – Rais Elaboração: DIEESE

Segundo a Fundação Carlos Chagas, o nível de escolaridade formal da população brasileira vem se elevando com o passar dos anos, no fim do século XX e início do século XXI, homens e mulheres que tinham menos de quatro anos de

estudo chegava de 40% a 50%, enquanto de 20% a 30% auferiam de ensino médio e ensino superior.

Entrando na primeira década do século XXI tem-se que o número de mulheres com maior grau de escolaridade vem se destacando, pois elas vêm buscando seu espaço, fazendo com que seja de enorme importância a escolaridade na vida da mulher para sua inserção no mercado de trabalho, em cargos melhores e de altíssima qualidade.

O fato de as trabalhadoras disporem de credenciais de escolaridade superiores aos seus colegas de trabalho, entretanto, não tem se revertido em ganhos semelhantes, pois os dados deixam claro que homens e mulheres com igual escolaridade obtêm rendimentos diferentes. O fato é que, as relações de gênero vão determinar valores diferentes para profissionais no mercado de trabalho, conforme esse trabalhador seja homem ou mulher. E se a maiores patamares de escolaridade estão associados, de uma forma geral, maiores salários, isso é mais verdade para os homens do que para as mulheres.
Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/bdmulheres/serie3.php?area=series>>.
Acesso em: 28 jun. 2015.

Assim como a inserção no mercado de trabalho é de relevante importância para as mulheres, a escolaridade também. O homem por sua vez se dedica muitas vezes pelo seu trabalho enquanto as mulheres se preocupam com a sua formação.

No ano de 2013 59,1% das mulheres que estavam empregadas, já tinha curso de nível superior, isso quer dizer que mesmo com todas as dificuldades as mulheres continuam exercendo grande quantidade de empregos com maior escolaridade.

Tabela 2 - Proporção de mulheres entre os trabalhadores formais segundo grau de escolaridade Brasil, 2012 e 2013 (em %)

Escolaridade	2012	2013
Analfabeto	12,8	13,2
Até 5ª Incompleta	22,7	23,0
5ª Completo Fundamental	27,1	27,4
6ª a 9ª Fundamental	28,4	28,7
Fundamental Completo	32,2	32,2
Médio Incompleto	34,9	35,1
Médio Completo	44,4	44,2
Superior Incompleto	52,0	52,2
Superior Completo	58,7	59,1
TOTAL	42,5	42,8

Fonte: MTE. Rais Elaboração: DIEESE

1.3 DESIGUALDADE DE GÊNEROS NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO

No mercado de trabalho brasileiro o que mais se encontra são as desigualdades de raça e gêneros, essas desigualdades são persistentes, pois a luta pelo espaço das mulheres é constante, elas querem ir à busca dos seus ideais e mostrar que também são capazes de estar no mercado de trabalho em qualquer função.

As diversas formas de discriminação estão fortemente relacionadas aos fenômenos de exclusão social que originam e reproduzem a pobreza. São responsáveis pela superposição de diversos tipos de vulnerabilidades e pela criação de poderosas barreiras adicionais para que pessoas e grupos discriminados possam superar a pobreza e ter acesso a um trabalho decente. No Brasil, as desigualdades de gênero e raça não são fenômenos que estão referidos a "minorias" ou a grupos específicos da sociedade. Pelo contrário, são problemas que dizem respeito às grandes maiorias da população: segundo os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2003, as mulheres representam 43% da População Economicamente Ativa (PEA) no Brasil e os negros (de ambos os sexos) representam 46%. Somados, correspondem a aproximadamente 70% da PEA (60 milhões de pessoas). As mulheres negras, por sua vez, correspondem a mais de 15 milhões de pessoas (18% da PEA) e, como resultado de uma dupla discriminação (de gênero e raça), apresentam uma situação de sistemática desvantagem em todos os principais indicadores sociais e de mercado de trabalho.

Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252006000400020&script=sci_arttext>. Acesso em 15 Jul. 2015.

Embora as mulheres venham conquistando seu espaço e revertendo às desigualdades na educação, a desigualdade no mercado de trabalho ainda é muito grande.

2 A EVOLUÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

O objetivo deste capítulo será mostrar como se deu a inserção da mulher no mercado de trabalho e sua jornada neste meio ao redor do mundo. Além de buscar sua trajetória no mercado brasileiro.

2.1 A INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Na década de 1910, as mulheres da classe média e até de classe alta, começavam a participar mais ativamente, juntamente com as mulheres pobres, do mercado de trabalho. Isso se devia a vários fatores, dentre eles: A adoção pelas mulheres do valor burguês do trabalho, o que despertava seu desejo de realização profissional e autossuficiência econômica; a difícil situação econômica da crescente classe média urbana; além da procura cada vez maior de funcionárias para o setor de serviços.

Naquela época, a necessidade e o valor do trabalho doméstico, eram decrescentes, com isso as mulheres ficavam ociosas, e a ociosidade era cada vez mais menosprezada pela moralidade burguesa. Com isso, chegou-se ao ponto de considerar as mulheres, que eram dependentes economicamente de seus maridos e parentes, como parasitas. E isso era tido como um inimigo do progresso, e contrário as leis da natureza, segundo Clara Câmara.

A época, Clara Câmara (1990) predisse:

Não está longe o dia em que a própria mulher comece a envergonhar-se de não ter uma ocupação útil na vida, único meio de ser respeitada e respeitar-se a si própria. Não está longe o dia – cujos prenúncios se estão fazendo sentir – em que a mulher terá pudor de ser uma parasita na vida, um zangão da colmeia social. [...] Não há nada mais digno que o trabalho. As gerações futuras olharão com desejo as mulheres que parasitam em torno da família.

CAMARA, Clara. *O Lar do Futuro: O que Devem Fazer Nossas Filhas*. 1. ed. São Paulo: Atlas, 1990. 44 p.

De fato, o trabalho assalariado das mulheres, era muito mais importante que o trabalho doméstico, tendo em vista que, por menor que fosse o salário, estaria ajudando muito em tempos de inflação e depressão econômica. Com

isso as mulheres começaram a concordar que, ao invés de serem trabalhadoras domésticas, poderiam ajudar no orçamento familiar e não mais serem consideradas como “parasitas” pela sociedade.

Além da necessidade no orçamento familiar, tornava-se necessário a força de trabalho feminino para o crescimento econômico. Não só eram necessárias no setor industrial, como também eram requisitadas para preencherem novos cargos em bancos, administração pública e serviço social. As mulheres eram muito elogiadas pelos homens empregadores no comércio, que diziam que as mulheres eram mais pacientes, não fumavam, eram tolerantes a rotina, concentravam-se no trabalho por mais tempo e por serem mais modestas, não tinham grandes ambições, com isso, podiam ser satisfeitas com menores salários.

Figura 2: Mulher profissional saindo de casa para o trabalho.



Caricatura da mulher profissional saindo de casa para o trabalho, 1926. Esse desenho ilustrava um artigo em *A Cigarra* intitulado “A Mulher Pode Tanto como o Homem”.

Com a chegada da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), as mulheres tiveram que assumir os negócios da família em vários países, tendo em vista que os homens iam para as batalhas, e o sustento da família dependia agora do trabalho delas. Ao final da guerra muitos homens não retornaram aos seus lares, tendo sido mortos em batalha, e vários retornaram mutilados. Com isso, as mulheres tiveram que continuar a frente dos negócios.

Junto com a conquista do mercado de trabalho, vieram alguns benefícios, que apesar de não serem cumpridos à risca, foram de grande valia, precedendo grandes conquistas das mulheres:

No Brasil,

[...] algumas leis passaram a beneficiar as mulheres. Ficou estabelecido na Constituição de 32 que “sem distinção de sexo, a todo trabalho de igual valor correspondente salário igual; veda-se o trabalho feminino das 22 horas às 5 da manhã; é proibido o trabalho da mulher grávida durante o período de quatro semanas antes do parto e quatro semanas depois; é proibido despedir mulher grávida pelo simples fato da gravidez”. Mesmo com essa conquista, algumas formas de exploração perduraram durante muito tempo. (PROBST, 2003, p.1).

Após conquistarem alguns apoios e receberem incentivos, as mulheres ganharam mais força no mercado de trabalho e conseqüentemente, fatias de espaço ao redor do mundo.

2.2 O TRABALHO FEMININO NO BRASIL

Ainda na Primeira República (1889 – 1930), as mulheres, principalmente as mais pobres, já exerciam atividades produtivas. A maioria delas residia em área rural e trabalhava em suas próprias casas. Apesar de sua inegável importância no processo produtivo, as mulheres eram reconhecidas apenas como as responsáveis pela manutenção do equilíbrio doméstico familiar (WEINSTEIN, 1995).

Na indústria, sua participação também era expressiva, principalmente nas regiões mais desenvolvidas. Em São Paulo, na década de 1920, elas representavam 29% do total de trabalhadores na indústria. Já no Rio de Janeiro, a força de trabalho feminino representava 27% dos trabalhadores de todos os ramos industriais, sendo 39% no ramo têxtil (BATALHA, 2000).

A partir da Revolução de 1930, a era dos direitos trabalhistas começaria através do presidente Getúlio Vargas. Ele trouxe iniciativas determinantes para a reestruturação do mercado de trabalho brasileiro, além de contribuições para ampliação de postos de trabalho formais, redução do desemprego e da informalidade. Através de um estudo do trabalho feminino feito pelo ministro Lindolfo Collor, foi expedido o decreto nº 24.417-A, de maio de 1930, a primeira lei que versava sobre a situação da mulher no trabalho (POCHMANN, 2002).

Ao longo dos últimos séculos o movimento feminista vem se configurando como uma das principais manifestações sociais de caráter transformador, as raízes dos movimentos feminista se deu na Revolução Francesa, com grandes influencias ideológicas, observavam que as mulheres já vinham lutando pelos seus direitos, essa luta pela igualdade se alastrou pelo mundo inteiro.

Segundo Probst (2003) após essas mudanças, para beneficiar as mulheres que trabalhavam fora de casa, a Constituição de 1934 estabeleceu igual valor correspondente ao salário, a todo trabalho igual, sem distinção de sexo. Mas, mesmo com leis beneficiando as mulheres, elas continuavam a ser exploradas, com a justificativa de que o homem era o mantenedor do lar, assim, não era necessário pagar um salário maior a mulher.

Apesar de todos estes fatores, a mulher estava cada vez mais inserida no mercado de trabalho, conquistando espaços, e segundo dados do IBGE, no período de 1940-1990, o número de mulheres contribuindo com a força de trabalho, passou de 2,8 milhões na década de 1940, para 22,8 milhões em 1990, aumentando sua participação de 19% para 35,5%.

Tabela 3 – Brasil: Estrutura da população ativa por sexo no período de 1940-1991

População ativa por sexo/período						
Ano	1940	1950	1960	1970	1980	1991
Homens (%)	81,00	85,50	82,50	79,00	73,00	64,50
Mulheres (%)	19,00	14,50	17,50	21,00	27,00	35,50

Fonte: IBGE, Estatísticas Históricas do Brasil, 1990.

Segundo Bruschini (1996), este contingente de mulheres que tem ingressado no mercado de trabalho brasileiro, é formado principalmente por representantes das camadas médias e escolarizadas da população. Fatores demográficos, culturais e econômicos, podem ser a explicação para essa mudança no comportamento da mulher com relação ao mercado de trabalho a partir dos anos 70.

Ainda nos anos setenta, com a expansão da economia, a urbanização crescente e a industrialização em ritmo acelerado, favoreceram a entrada de muitos trabalhadores, inclusive mulheres.

O Brasil passa por várias transformações econômica, social e demográfica, que refletem diretamente sobre a força de trabalho. Com a industrialização consolidada, moderniza seus meios produtivos e se torna cada vez mais urbano. Profundas transformações, fortalecidas pelos movimentos feministas também ocorreram nesse mesmo período, nos padrões de comportamento, e no papel da mulher na sociedade, fazendo com que mais mulheres atuassem na vida pública, e facilitando a entrada da mulher no mercado de trabalho. A redução do número de filhos por mulher, nos lugares mais desenvolvidos do país, a evolução do nível de escolaridade e o ingressar de mais mulheres a universidade contribuíram para essa evolução (QUERINO, DOMINGUES, CARDOSO, 2012, p. 7).

Já nos anos oitenta, uma forte crise econômica elevou as taxas de inflação, provocando desemprego, modificando assim o quadro de crescimento da década anterior.

Com a recessão, a população ativa se deslocou dos setores primários e secundários para o setor terciário. Com isto, as mulheres, que sempre tiveram maior êxito neste setor, não foram expulsas do mercado devido à crise. No entanto, não seria justo justificar a força de trabalho feminina por motivos econômicos, isso só reduziria as conquistas por elas alcançadas. Esta inserção se deve, igualmente, ao movimento de emancipação feminina e a busca de direitos iguais na sociedade (SANCHEZ, 2003, p. 01).

Tabela 4 – Ramo de Atividade com percentual da população feminina 1990

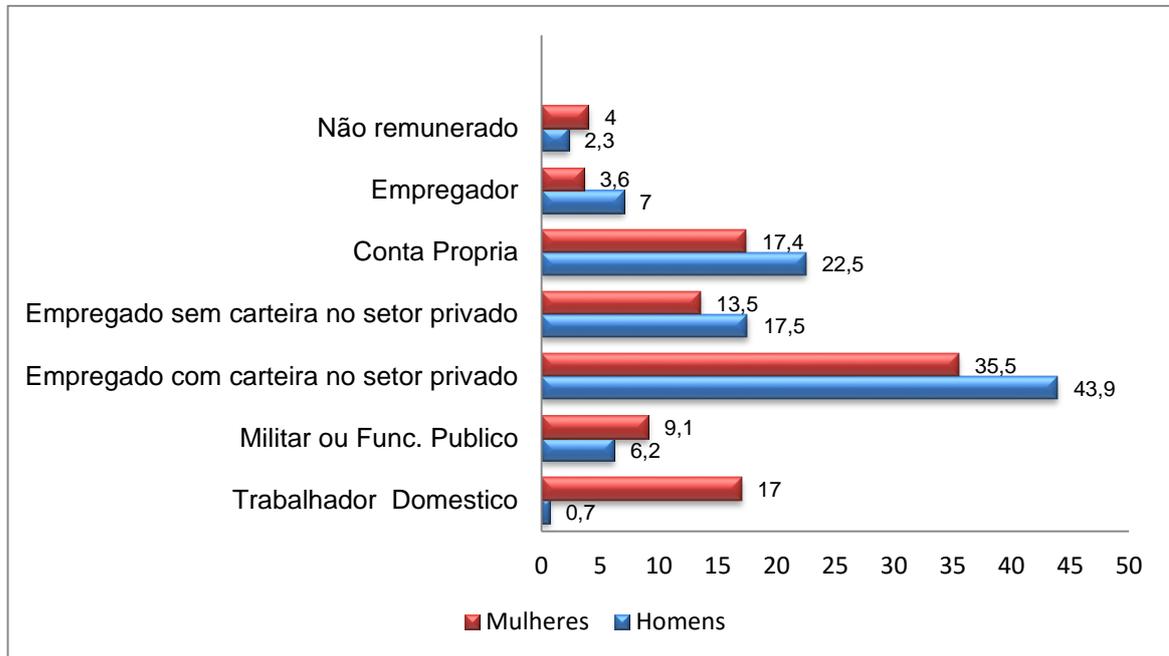
RAMOS DE ATIVIDADE	% da População feminina ativa
Serviços domésticos	40,00
Comércio	20,00
Serviços de educação	18,00
Serviços de saúde	8,00
Outros	14,00

Fonte: IBGE, *Estatísticas Históricas do Brasil, 1990*.

Na década de 90, segundo dados do IBGE, o Brasil se revelou um país com famílias menores, mais escolaridade, melhores resultados na taxa de mortalidade infantil e diversas transformações no mercado de trabalho. E estas transformações que ocorreram, mostram uma tendência de aumento da força de trabalho feminina, sendo este aumento em todas as regiões. Com destaques para os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Ceara e Piauí, que registraram, em 1999, taxas de atividade feminina mais elevadas que a média.

Já no ano de 2009 segundo o IBGE aproximadamente 35,5% das mulheres estavam inseridas no mercado de trabalho, como empregadas com carteira de trabalho assinada, percentual inferior ao observado na distribuição masculina (43,9%). As mulheres empregadas sem carteira e trabalhando por conta própria correspondiam a 30,9%. Entre os homens este percentual era de 40%. O percentual de mulheres inseridas como empregadores era de 3,6%, enquanto na distribuição masculina era 7,0%.

Figura 3: Distribuição da população ocupada, por formas de inserção, segundo o sexo.



Fonte: IBGE, *Pesquisa Mensal de Emprego – PME*. Elaboração: a autora.

Neste mesmo ano, das mulheres inseridas no mercado de trabalho, 61,2% das trabalhadoras tinha onze anos ou mais de estudo, ou seja, tinham o ensino médio completo, enquanto para os homens este percentual era de 53,2%. Destaca-se ainda que a parcela de mulheres ocupadas com curso de nível superior completo era de 19,6%, superior ao dos homens, 14,2%. Por outro lado, nos grupos de anos de estudos com menos escolaridade, a participação dos homens era superior à das mulheres.

A participação das mulheres no mercado de trabalho continua crescendo, sendo que 2000 a 2010 sua presença aumentou 4,5%, no entanto ainda continuam atrás dos homens.

A valorização do salário mínimo e o aumento da proteção social contribuíram para os avanços. No entanto, o novo desafio para o governo é oferecer garantias sociais para que as mulheres possam conciliar o trabalho profissional e o cuidado com a família. Sendo que muitas trabalhadoras são mães e precisam deixar os filhos para sustentar a casa.

No ano de 2010 no Brasil exatamente no dia 31 de outubro de 2010, foi eleita a primeira mulher no país a ser Presidente da República a senhora Dilma Rousseff, nossa presidente foi eleita no segundo turno, ela também foi a primeira mulher a atuar como secretária da Fazenda de Porto Alegre.

No entanto prova-se que a mulher vem em busca de mudanças e renovações desde sua inserção no mercado de trabalho até os dias atuais mas ainda buscam igualdade pelos seus direitos.

3 ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DA MULHER NA SOCIEDADE E SUA EVOLUÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO DE FRANCA

O objetivo deste capítulo será mostrar uma panorâmica da economia da cidade de Franca e também o comportamento da mulher na sociedade, suas conquistas históricas e também sua evolução no mercado de trabalho francano até os dias atuais.

3.1 FATOS HISTÓRICOS QUE MOSTRAM A EVOLUÇÃO DA MULHER NA SOCIEDADE.

A mulher por muitos anos tinha uma vida de responsabilidades domésticas e socializadoras, cuidava dos filhos e eram submissas aos homens, tanto pais como maridos, estes tributos existiam desde a época das colônias, não tinham direito a frequentar uma escola ou até mesmo viver na sociedade, onde sua opinião não valia de alguma forma. Sua única função era de educar seus filhos e viver para a igreja, mesmo possuindo o cargo de chefe da família as mulheres sofriam grande pressão ao seu redor.

A luta por seus direitos e conquistas perante a sociedade marca sua grande evolução, mostrando diferentes formas de conquistas e lutas pelos seus direitos.

Na tabela a seguir será mostrada a evolução da mulher no mundo com fatos históricos, que mostra como a mulher não é exatamente um “*sexo frágil*” ela buscou e ainda busca por igualdades, lutando pelos seus ideais.

Tabela 5: Evolução Cronológica do Papel da Mulher na Sociedade.

Ano	Local	Histórico
1792	Inglaterra	O primeiro Clássico feminino foi escrito por Mary Wollstonecraft com a reivindicação dos Direitos da Mulher, publicado pela Johnson, este livro fazia uma

Ano	Local	Histórico	cont.
		defesa dos direitos da mulher.	
1827	Brasil	A primeira lei sobre a educação para as mulheres, a qual permitiu que estas frequentassem as escolas elementares, porém as instituições de ensino mais adiantado eram proibidas ainda.	
1863	Suécia	O primeiro país a conceder o voto a mulher.	
1879	Brasil	Foi autorizada pelo governo a participação das mulheres nas instituições de ensino superior.	
1897	Inglaterra	Com a fundação da União Nacional pelo Sufrágio Feminino, as mulheres começaram a se mobilizar, indo as ruas, fazendo greves de fome, com a finalidade de exterminar os sexismo institucional da sociedade britânica. Logo em seguida, duas mulheres criaram a União Social e Política das Mulheres – USPM.	
1932	Brasil	Foi aprovado apenas em 24 de fevereiro, o presidente Getulio Vargas assinou o decreto de nº 21.076. o qual garantiu o voto feminino. Este documento determinava que fosse eleitor o cidadão maior de 21 anos sem distinção de sexo, alistado na forma do código.	
1900	França	Iniciou a participação feminina nos Jogos de Paris. Neste momento, elas tinham apenas 1% de representação, foram inscritas apenas no Golf e no Tênis e tinham que participar da competição de traje longo e sapato alto.	
1910	França	Clara Zetkin, uma mulher que era jornalista e socialista, que sempre lutou pelas condições das mulheres operárias, fez com que fosse aprovado, na Primeira Conferencia Internacional sobre a Mulher em Copenhague, uma homenagem, uma dedicação às operárias mortas em 18257, tendo sido instituído o dia 8 de março como o Dia Internacional da Mulher	

		para que todas pudessem lutar pelos seus direitos e ideais.
Ano	Local	Histórico cont.
1945	Inglaterra	A igualdade dos direitos entre homens e mulheres foi reconhecida em documento internacional, através da Carta das Nações Unidas.
1949	Brasil	Foram criados os Jogos de Primavera, que também foi reconhecido como Olimpíadas Femininas.
1951	EUA	A OIT (Organização Internacional do Trabalho) aprovou com que as mulheres e com que os homens tivessem salários iguados pás as mesmas funções exercidas.
1962	Brasil	Foi criado e sancionado o Estatuto da Mulher Casada, o qual deu a garantia para a mulher trabalhar sem permissão dos maridos e, em caso de separação, ela poderia adquirir a guarda dos filhos.
1975	México	Aconteceu a Primeira Conferencia Mundial da Mulher, assim como também foi instituído no mesmo ano O Dia Internacional da Mulher. Nessa conferencia foi aprovado um plano de ação o qual tinha como objetivo delinear diretrizes para que os governos e a sociedade em geral pudessem seguir. Esta aprovação foi proclamada como Decênio das Nações Unidas para a mulher. Os principais objetivos eram garantir a igualdade entre mulheres e homens, no trabalho, na educação, na política, na vida e no plano familiar. Foi a primeira vez que o direito a igualdade foi incluído em todos os âmbitos não apenas na política. Segundo dados adquiridos durante nossos estudos das 133 delegações dos Estados, 113 estavam encabeçadas por mulheres.
1979	Inglaterra	A Assembleia Geral de Nações Unidas aprovou uma Convenção sobre a eliminação de todas as formas de

		discriminação contra as mulheres, o que se tornou um dos instrumentos mais importantes e poderosos para a conquista da tão sonhada igualdade entre os gêneros.
1979	Brasil	Eunice Michilles, representante do PSD/AM, tornou-se a primeira mulher a ocupar o cargo de Senadora.
1980	França	Foi realizada a Segunda Conferencia Mundial da Mulher. Começa-se a perceber que o direito a igualdade deixa de ser apenas algo escrito no papel e passa a se tornar uma realidade um pouco mais efetiva. A Igualdade não é vista do ponto de vista jurídico, a mulher passa a exercitar os direitos, a participação e ter oportunidades reais para competir com o homem. Nesta conferencia a igualdade foi o tema chave, a igualdade ao Acesso a educação, a igualdade de oportunidades no trabalho houve também uma preocupação com a saúde.
1980	Brasil	Foram criados centros de defesa a mulher para coibir a violência domestica daí surgiu o tema <i>Quem ama não mata</i> .
1983	Brasil	Foram criados os primeiros conselhos estaduais da condição feminina, o Ministério da Saúde criou também PAISM (Programa de Atenção Integral a Saúde da Mulher), baseando no principio da integralidade do corpo, com a mente, e da sexualidade das mulheres.
1985	Brasil	Surgiu à primeira delegacia de atendimento especializado a Mulher e, neste mesmo ano, também foi aprovada o projeto de lei que criou o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Nas Nações Unidas, neste mesmo ano, foi criado o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem), em lugar do Antigo Fundo de Contribuições Voluntarias das Nações Unidas para a década da Mulher. A Unifem é a maior iniciativa mundial de

		cidadania corporativa e atualmente, segundo dados obtidos.
Ano	Local	Histórico cont.
1985	Nairobi	Foi realizada a Terceira Conferencia Mundial da Mulher. Nesta conferencia a incorporação da Mulher passa a ser um direito legitimo no âmbito jurídico, social e político. O governo fica pressionado a desenvolver projetos para que a igualdade entre os gêneros sejam estabelecidas.
1993	Viena	Ocorreu a Conferencia Mundial de Direitos Humanos na qual foi abordada a questão da violência contra os gêneros, e os direitos das mulheres, fazendo com que assim fosse gerada a de Declaração sobre a eliminação da violência contra a mulher.
1995	Beijing	Foi realizada a Quarta Conferencia Mundial da Mulher, sendo esta a conferencia de maior impacto mundial, pois foi a que contou com 189 governos. Foi em Beijing que verdadeiramente o processo de igualdade, antes citado porem sempre vedado nas outras conferencias, foi realmente aprofundado como um conceito de gênero que tinha que ser mudado em uma perspectiva social, cultural e histórica.
1996	Brasil	O Congresso Nacional incluiu o sistema de cotas, na Legislação Eleitoral, fazendo com que 20% das vagas dos partidos fossem de mulheres.
2006	Brasil	Foi sancionado pelo Presidente Luis Inácio Lula da Silva a Lei Maria da Penha em 07 de agosto de 2006. Lei nº 11340.
2008	Brasil	Direito a expansão da licença maternidade para 120 dias para conforme lei nº 11.770 de 09 de setembro de 2008.

2010	Brasil	Em 31 de outubro de 2010, foi eleita a primeira mulher para cargo de Presidente da República do Brasil, a Senhora Dilma Rousseff.
------	--------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: SILVA, Ana Teresa Gaia da, e SANTOS, Sheila Aparecida Vitoreli dos. A Evolução dos Papeis das Mulheres no Mundo Contemporâneo, 2011 p. 15. Atualização: a autora.

3.2 PANORAMICA DA ECONOMIA DA CIDADE DE FRANCA

A cidade de Franca destaca-se no mercado nacional por sua indústria calçadista, possuindo mais de 400 indústrias, empregando em torno de 25.000 pessoas neste setor. Grande parte de sua produção é destinada a exportação, levando seus produtos a várias partes do mundo, como EUA, Europa, Ásia e América Latina. No ano de 2015, já foram exportados mais de 1 milhão de pares de calçados.

Contudo, a região de Franca também se destaca pela produção de café de alta qualidade, tendo a Associação dos Produtores de Cafés Especiais da Alta Mogiana (conhecida internacionalmente como AMSC — Alta Mogiana Specialty Coffees) como principal promotora dos cafés produzidos. Na região da Alta Mogiana, mais de 60 mil hectares são destinados a cafeicultura. O café produzido é conhecido internacionalmente pela sua excelente qualidade, sendo que há aproximadamente 200 milhões de pés de café, com uma produtividade média que supera 1 milhão de sacas de 60kg.

A região da Alta Mogiana é tradicional produtora dos melhores cafés paulistas em virtude de sua grande altitude, clima favorável e larga experiência na produção de cafés finos.

A AMSC congrega um grupo de produtores de cafés especiais localizados em 15 municípios paulistas — Altinópolis, Batatais, Buritizal, Cajuru, Cristais Paulista, Franca, Itirapuã, Jiquara, Nuporanga, Patrocínio Paulista, Pedregulho, Restinga, Ribeirão Corrente, Santo Antônio da Alegria e São José da Bela Vista — e 08 municípios mineiros - Claraval, Capetinga, Cassia, Ibiraci, Itamogi, Sacramento, São Sebastião do Paraíso e São Tomas de Aquino - especialmente selecionados por sua altitude e qualidade de seus cafés, distribuídos em meio aos pólos cafeeiros de Franca, Pedregulho (um dos municípios mais altos do estado) e Altinópolis. Disponível em: <<http://www.amsc.com.br/index.php/features/2013-10-26-13-21-58>>. Acesso em 30 jun. de 2015.

Destacando também pela qualidade em prestação de serviços Franca é um centro muito importante na região de produção e difusão de conhecimento

tecnológico, tendo atraído grandes investimentos na melhoria dos processos de desenvolvimento de softwares comerciais e também se destaca pelo comércio, onde a própria população e as populações vizinhas dependem do comércio franco e ainda teve um grande aumento na produção de lingerie.

3.3 EVOLUÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO DE FRANCA.

As mulheres vêm se destacando nos últimos anos no mercado de trabalho mundial, por sua determinação e pelas suas conquistas. Movidas pela necessidade de contribuir para o desenvolvimento de suas famílias, ou até mesmo pelo desejo de sua realização profissional, elas estão cada vez mais presentes no mercado de trabalho, tendo assim grande importância para o desenvolvimento econômico de sua cidade e/ou país.

Em busca de seu próprio crescimento e reconhecimentos, as mulheres estão cada vez mais presentes em todos os setores do mercado de trabalho, ocupando cargos de lideranças em grandes e pequenas empresas, serviços públicos, entre outros.

A distribuição da população em diversos setores do mercado de trabalho tem mostrado como as mulheres vêm ocupando seu espaço em diferentes áreas, buscando assim sua igualdade no mercado de trabalho.

Figura 4: Distribuição da população ocupada, por grupamentos de atividade, segundo o sexo (%) – (2003 e 2011) *.



FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011.
*Média das estimativas mensais.

Na cidade de Franca as mulheres vêm mostrando que também podem liderar nas mais variadas ocupações, com o crescimento da escolaridade feminina se consolidando nos últimos anos e se manifestando nos mais diversos setores da economia.

De acordo com o IBGE, no último levantamento feito em 2010, 33,7% dos lares francanos eram chefiados por mulheres, ou seja, de cada dez casas da cidade, três tem elas como líderes. Mostrando ainda um grande crescimento, se

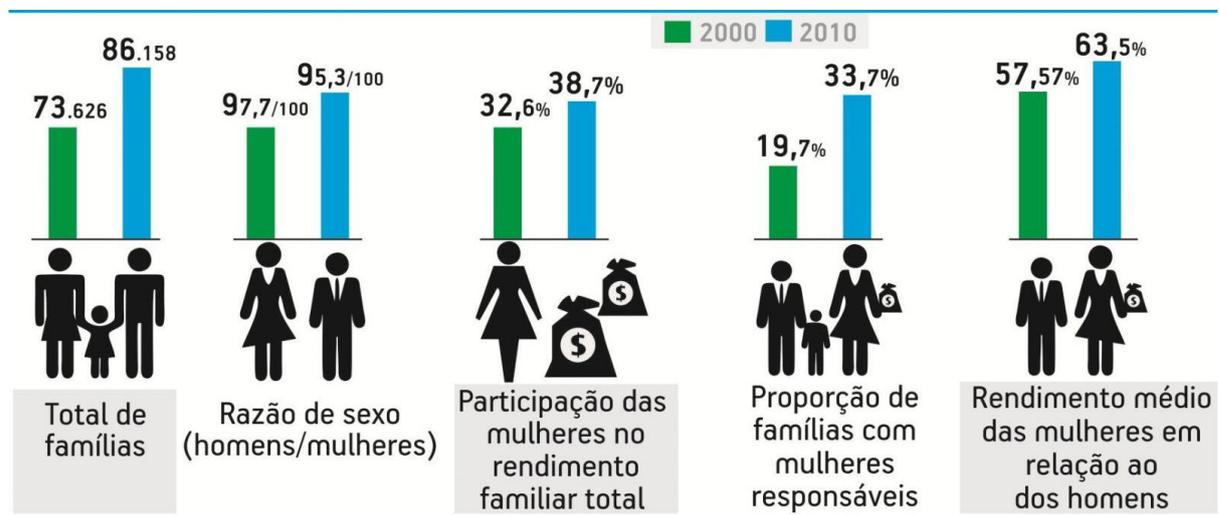
comparado com o ano de 2000, que tinha 19,7% dos lares chefiados por mulheres. O estudo mostrou que Franca tem 86.158 famílias.

Elas conseguiram este patamar devido ao seu crescimento no mercado de trabalho na cidade, que no período de 2000 a 2010, subiu de 55 mil para 73,8 mil. Além disso, o nível de estudo também melhorou bastante, sendo que, no mesmo período, o número de mulheres com curso superior, praticamente dobrou, indo de 7.258 mulheres com formação universitária em 2000 para 14.505 em 2010.

As mulheres vêm ocupando cargos realizando tarefas que antes eram totalmente exercidas por homens, na cidade de Franca muitas mulheres já são motoristas de ônibus e de caminhão de coleta de lixo.

No entanto, mesmo estando cada vez mais inseridas no mercado de trabalho e ocupando as mais variadas posições, os rendimentos ainda continuam inferiores aos rendimentos dos homens. Ainda de acordo com o IBGE, no ano de 2010, na cidade de Franca, as mulheres recebiam 63,5% dos salários dos homens, muitas das vezes ocupando os mesmos cargos.

Figura 5: Representatividade da mulher em Franca



Disponível em: <<http://gcn.net.br/noticia/269569/franca/2014/11/mulheres-chefiam-33-dos-lares-francanos>>. Acesso em 18 jul. 2015.

Portanto, as mulheres conseguiram mais espaços no mercado de trabalho, liderando agora famílias inteiras, participando ativamente da economia e contribuindo para o crescimento do país. Todavia, precisam continuar indo a busca de mais reconhecimento, tendo em vista que os salários ainda são muito desiguais,

se comparado com os salários dos homens. Além de muitas das vezes serem muito mais qualificadas que os homens, contudo, perdem oportunidade de emprego pela resistência das empresas em contratá-las.

4 A OPINIÃO DA MULHER SOBRE AS DESIGUALDADES NO MERCADO DE TRABALHO

Neste capítulo será abordada a opinião das mulheres com relação ao mercado de trabalho e também a visão do empresário Luis Aurélio Prior sobre as mulheres no mercado de trabalho e o que suas colaboradoras acham sobre este mercado e as desigualdades.

4.1 A MULHER SOBRE E O MERCADO DE TRABALHO.

Durante muitos anos ouviu-se opiniões distintas sobre a mulher no mercado de trabalho, conforme dito anteriormente elas vieram ocupando seu espaço no mercado de trabalho de forma significativa.

Era considerado o sexo frágil, não tinham direitos perante as sociedades e viviam para cuidar das famílias. Com o passar dos anos isso foi se tornando a segunda jornada na vida das mulheres. Hoje em dia elas estudam, trabalham fora, ocupam grandes cargos, cargos de grande importância e ainda não deixaram de serem cuidadoras com suas casas e famílias, muitas assumiram o papel dos homens dentro de casa.

Com o passar do tempo elas foram se encontrando em diversas áreas no mercado de trabalho e fazendo com que aumente a mão de obra feminina neste mercado.

O crescimento do público feminino no mercado de trabalho é evidenciado pelos dados da última Relação Anual de Informações Sociais (RAIS 2013) do Ministério do Trabalho e Emprego. Num recorte por gênero, os dados evidenciam que em 2013 o nível de emprego da mão-de-obra feminina cresceu 3,91%, ante um aumento de 2,57% para os homens, uma diferença de 1,34 pontos percentuais. Os dados revelam ainda uma continuidade no processo de elevação da participação das mulheres no mercado trabalho formal, que passou de 42,47% em 2012 para 42,79% em 2013. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/imprensa/mulher-ganha-espaco-no-mercado-formal-de-trabalho.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

As mulheres estão cada vez mais correndo atrás de uma qualidade de vida melhor, efetuam suas tarefas com perfeição e buscam a sua igualdade perante a sociedade.

Elas ocupam mais da metade da população, estudam muito mais que os homens, exercem as mesmas funções e ganham muito menos que eles, essa é uma das realidades encontradas no mundo.

Mas apesar dos obstáculos as mulheres correm atrás dos seus objetivos e buscam cada vez mais melhorar

4.2 A VISÃO DE EMPRESÁRIO DE FRANCA SOBRE A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO E A OPINIÃO DAS MESMAS SOBRE ESTE MERCADO.

Fundado em agosto de 1975, Santa Rita Contabilidade & Consultoria é um grande escritório de contabilidade na cidade de Franca – SP, suas atividades deram início com o sócio proprietário Oripes Gomes Prior mais conhecido com Sr. Pingo, uma pessoa muito centrada, dedicada e cheia de vida para seguir a carreira contábil, após dez anos seguindo os passos do pai, Luis Aurélio Prior começa sua carreira como contador. Já se passaram 40 anos de atividade contábil e o Santa Rita vem crescendo cada vez mais no mercado, com uma forma diferenciada e com muita qualidade, atende cada vez mais seus clientes.

Em uma pesquisa feita com o seu diretor Luis Prior no escritório Santa Rita, o número de mulheres que trabalham é predominante, ocupam diversos cargos, desde a gerência até a limpeza, são as mulheres que desempenham grande parte das obrigações desenvolvidas no escritório e realizam suas obrigações da forma mais cuidadosa e centrada, pensam antes de tomar qualquer decisão e são equilibradas perante a razão e a emoção.

Ainda segundo Prior, existe sim algumas dificuldades que são encontradas diariamente, que o mesmo enfrenta em trabalhar com mulheres, uma delas é a mudança de humor, diz ele que as mulheres são muito emotivas, mas que não vê essa característica como um ponto negativo, mas sim como um ponto natural, pois faz parte da mulher.

Ele acredita que as mulheres já tiveram grandes conquistas, mas ainda conquistarão mais, e que futuramente não haverá totalmente uma igualdade entre homens e mulheres, pois necessitam ter as diferenças, mas que existem e existirão funções que poderão ser exercidas por ambos os sexos.

Continuando na mesma conduta de pesquisas, algumas colaboradoras da Santa Rita Contabilidade & Consultoria, disseram que o ambiente de trabalho onde as mesmas se relacionam diariamente por oito horas de jornada diária é bom. Este resultado foi analisado de uma das mais novas funcionárias que tem de zero a três anos de casa com uma das mais velhas que tem mais de vinte e um anos.

Em média as mesmas acreditam que ainda existam desigualdades no mercado de trabalho, que as mulheres são discriminadas por algumas empresas, pleiteiam a mesma vaga são mais capacitadas do que os homens, mas as empresas ainda preferem a mão de obra masculina.

Fazendo a mesma pergunta que foi feita ao diretor desta empresa, suas colaboradoras também acreditam que as mulheres possam evoluir mais no mercado de trabalho, pois cada vez mais elas estão em busca de novos objetivos e se qualificando ainda mais.

No entanto, pode-se notar que a mulher evoluiu durante sua inserção no mercado de trabalho até os dias atuais, mas ainda precisam conquistar mais o seu espaço e que já existe grandes empresários que acreditam na força de trabalho feminina.

CONCLUSÃO

Neste trabalho foi mostrado como surgiu o mercado de trabalho brasileiro, as grandes transformações ocorridas no Brasil, que são elas: Colônia de Portugal, depois Império e logo após República. O trabalho informal e a passagem para o trabalho formal.

O nível de escolaridade que ainda é muito prejudicado no Brasil, falta muito incentivo para que a população se dedique mais a vida acadêmica, buscando aprender sempre mais, entender mais o que acontece com nosso país e buscando uma melhor qualidade de vida. Apresentou também a desigualdade de gêneros que ainda é muito grande, onde as mulheres sofrem preconceitos perante os homens, dentro de empresas ou até mesmo perante a sociedade.

Ficou claro que, como se deu a inserção da mulher no mercado de trabalho, as dificuldades que ambas passaram para conquistar alguns direitos perante a sociedade, com a chegada da Primeira Guerra Mundial, elas foram literalmente inseridas no mercado de trabalho, muitas assumindo o papel dos homens dentro de suas famílias, logo após esta inserção vieram alguns fatos históricos que marcaram sua evolução na sociedade, as mulheres começaram a garantir alguns direitos e deixar sua marca na sociedade.

Mostrou-se uma panorâmica histórica da economia da cidade de Franca e mostrando também a evolução da mulher no mercado francano e por fim, mostra também a opinião do empresário Luis Aurélio Prior e suas colaboradoras sobre a mulher no mercado de trabalho.

As mulheres já ocuparam grandes cargos no mercado de trabalho e já tiveram grandes conquistas desde sua inserção, só que ainda existem desigualdades a serem eliminadas, e elas estão dispostas a correr atrás de seus objetivos e acabar de vez com essa desigualdade.

Portanto cabe a sociedade respeitar e ajudar para que a evolução continue e nós mulheres consigamos cada vez mais nos destacar no mercado de trabalho, exercendo grandes profissões que antes eram exercidas por homens, que tenhamos igualdades salariais, entre outros.

REFERÊNCIAS

A CIGARRA, A Mulher Pode tanto como o Homem. 14:273 [15-31 de marco de 1926], pp. 44-45.

CAMARA, Clara. O Lar do Futuro: O que Devem Fazer Nossas Filhas, São Paulo: Atlas, 1990.

CARACTERISTICAS, do mercado de trabalho e as origens do informal no Brasil. Disponível em: <http://www.en.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/Cap_3-10.pdf>. Acesso em 15 jul. 2015.

CASTALDI, Aline Cristina, LEAL, Daniela Neves Ferreira, MARQUES, Viviane Gomes de Oliveira, SILVA, Valissa Borges e SOARES, Denner Alan. A Perspectiva da Mulher no Mercado de Trabalho. FACEF. Franca, 2005

CULTURA, ciência. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252006000400020&script=sci_arttext>. Acesso em 17 jul. 2015.

EDUCACAO E TRABALHO, mulheres brasileiras. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/bdmulheres/serie3.php?area=series>>. Acesso em 16 jul. 2015.

EMPREGO NO BRASIL, escolaridade e. Disponível em: <http://www.fetecsp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=141:escolaridade-e-emprego-no-brasil&catid=47:bandeira-de-luta&Itemid=78>. Acesso em 16 jul. 2015.

ESCRAVO, trabalho. Disponível em <<http://machoadadvogados.com.br/2004/09/01/trabalho-escravo-e-trabalho-livre-no-brasil/>>. Acesso em 15 jul. 2015.

ESTATISTICAS. Disponível em: <<http://www.sindifranca.org.br/estatisticas.html>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

FRANCANOS, mulheres chefiam lares. Disponível em: <<http://gcn.net.br/noticia/269569/franca/2014/11/mulheres-chefiam-33-dos-lares-francanos>>. Acesso em 04 jul. 2015.

HOMENS, salario igual aos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/08/mulheres-vao-levar-80-anos-para-ter-salario-igual-aos-homens-diz-pesquisa.html>>. Acesso em 16 ago. 2015.

IGUALDADE, mulheres e homens no mercado de trabalho. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2015/07/25/voce-provavelmente-nao-estara-viva-para-ver-igualdade-entre-homens-e-mulheres-no-mercado-de-trabalho.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

MERCADO, participação no. Disponível em: <<http://www.sae.gov.br/imprensa/noticia/materias/brics-2015-mulheres-ainda-sao-minoria-mas-participacao-no-mercado-de-trabalho-esta-aumentando/>>. Acesso em 03 jun. 2015.

MOGIANA, alta. Disponível em: <<http://portal.cocapec.com.br/cafe/alta-mogiana>>. Acesso em: 30 jun 2015.

SILVA, Ana Teresa Gaia da, e SANTOS, Sheila Aparecida Vitoreli dos. A Evolução dos Papeis das Mulheres no Mundo Contemporâneo, 2011 p. 15.

TORREZANI, Eder Mathias. A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro no século XX. FACEF, Franca, 2002.

TRABALHO, o mercado. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/notatecnica/2014/notaTec140Rais2013.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2015.

TRABALHO, mulher no mercado. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em 17 jul. 2015.



Pesquisa para fins de trabalho conclusão de curso

LUIS AURÉLIO PRIOR

Sócio diretor da empresa SANTA RITA CONTABILIDADE & CONSULTORIA LTDA EPP

1- Qual seu nível de escolaridade?

- a) Ensino Fundamental
- b) Ensino Médio
- c) Tecnólogo (a)
- d) Ensino Superior: **Ciências Contábeis e Direito**
- e) Pós-graduação, mestrado, doutorado.

2 - Luis, por qual motivo você sempre teve em sua empresa o maior número de colaboradores do sexo feminino?

Porque a mulher é mais centrada, mais cuidadosa, pensa mais antes de tomar uma decisão, não é impulsiva, equilibra a razão com a emoção e não fica buscando lá fora a oportunidade, busca primeiro aqui dentro, fidelizando com a empresa.

3- Tendo como gerência de sua empresa uma mulher, o que você me diz sobre o desempenho da mesma?

O desempenho dela é excelente, equilibrada, ponderada, estudiosa, comprometida, tem o respeito e simpatia de toda a equipe, pela sua forma de agir e comportar.

4- Por qual motivo escolheu colocar uma mulher na gerência?

A escolha foi natural, inclusive posso dizer que foi a primeira gerente da empresa oficialmente, ela pelo perfil foi sendo preparada para assumir esta função e só vem evoluindo ao longo do tempo.

5- Quais as dificuldades encontradas em trabalhar com mulheres?

As dificuldades são alteração de humor, mais emotiva, mas na verdade não coloco isso como negativo e sim como natural e rico para evolução desta relação homem/mulher.

6- Em pleno Século XXI, ainda encontramos grandes desigualdades no mercado de trabalho entre homens e mulheres, você acredita que as mulheres ainda possam evoluir mais como profissionais?

Com certeza, apesar das desigualdades, hoje menos pela conquista delas do espaço e respeito, particularmente vejo como muito equilibrado, com a mulher já ocupando cargos, funções que não era imaginado.

7- Você acredita que em algum dia encontraremos igualdade entre homens e mulheres?
Por quê?

Totalmente não, porque entendo que não seria bom, precisa ter a diferença até pela natureza, mas podemos ocupando no mercado de trabalho as mesmas funções, considerando que tem algumas funções que podem ser exercidas por homem ou mulher.

ANEXO – IGUALDADE ENTRE HOMENS E MULHERES

UOL notícias

Você provavelmente não estará viva para ver igualdade entre homens e mulheres no

mercado de trabalho



25/07/2015 07h10

BBC



Se você tem 20 anos de idade em 2015, suas chances de ver a igualdade de gênero no mercado de trabalho em todo o mundo já são pequenas. Segundo a previsão do Fórum Econômico Mundial, será preciso esperar até 2095 para que isso aconteça, caso o ritmo das transformações continue o mesmo.

Estatísticas mostram que a desigualdade de gênero - da qual a diferença salarial faz parte - tem diminuído na última década. No entanto, esta diminuição tem sido lenta e irregular.

O assunto voltou à tona após declarações recentes do primeiro-ministro britânico,

David Cameron, que prometeu diminuir a desigualdade de salários entre homens e mulheres em uma geração.

"Quando minhas filhas, Nancy e Florence, começarem a trabalhar, quero que elas pensem na desigualdade de salários entre gêneros da mesma forma como olhamos para quando mulheres não votavam e não trabalhavam - como algo ultrapassado e errado", disse, em um editorial no jornal The Times.

No Reino Unido - que está na 26ª posição no ranking geral sobre desigualdade de gênero e na 48ª posição no ranking que mede a igualdade de salários entre homens e mulheres para o mesmo emprego - a mudança em uma geração poderia ser possível.

No entanto, o cenário é diferente em outros países e regiões.

Considerando a estimativa do Fórum Econômico Mundial, as filhas de David Cameron terão, respectivamente, 91 e 84 anos de idade quando homens e mulheres estiverem no mesmo nível no mercado de trabalho em todo o mundo.

Oportunidades econômicas

O Brasil está na posição 124, entre 142 países, no ranking de igualdade de salários por gênero. Entre os 22 países das Américas neste ranking, aparece em 21º lugar, à frente apenas do Chile e atrás de países como Honduras, Panamá e Bolívia.

Segundo o relatório Progresso das Mulheres no Mundo 2015-2016: Transformas as economias para realizar os direitos, publicado pela ONU em 2015, a diferença entre a remuneração de homens e mulheres diminuiu de 38% em 1995 para 29% em 2007.

Mesmo assim, de acordo com a pesquisa Estatísticas de Gênero 2014, do IBGE, a renda média das brasileiras corresponde a cerca de 68% da renda média dos homens.

Para o ranking do Fórum Econômico Mundial, a desigualdade de gênero em um país é calculada a partir de uma série de variáveis: fatores econômicos, saúde, educação e participação política das mulheres em comparação com os homens em determinada sociedade.

Os especialistas medem não só a participação econômica das mulheres - ou seja, quantas elas são na força de trabalho de um país -, mas também a oportunidade econômica, que se relaciona com a qualidade dos empregos que as mulheres têm mais possibilidades de conseguir.

De acordo com o Relatório Global de Desigualdade de Gênero 2014, a oportunidade econômica para as mulheres é especialmente relevante para países em desenvolvimento - onde as mulheres podem conseguir empregos com relativa facilidade, mas não conseguem ser promovidas a melhores posições com melhores salários.

Boa parte do progresso na igualdade de gênero "veio do aumento no número de mulheres que entram na força de trabalho", diz Saadia Zahidi, diretora sênior de Paridade de Gênero no Fórum Econômico Mundial.

O gráfico abaixo apresenta uma panorama por região, fazendo duas perguntas básicas:

Melhores e piores

No ranking geral, os países nórdicos aparecem no topo da lista como os menos desiguais.

A Nicarágua, no entanto surpreende em sexto lugar, principalmente por causa de seu alto índice de empoderamento político das mulheres e de acesso à saúde. Mesmo assim, o país não é bem classificado quando se trata de igualdade de salários - cai para a 93ª posição.

De acordo com Zahidi, Ruanda aparece em sétimo entre os países mais igualitários porque "há quase tantas mulheres quanto homens no mercado de trabalho", o que o torna o país com a menor desigualdade de gênero no continente africano.

As Filipinas são o país asiático com a melhor qualificação, em nono lugar, e sua posição se baseia principalmente nas notas altas do quesito igualdade de salários em atividades semelhantes entre homens e mulheres.

Em geral, as mulheres em países onde há conflitos e deslocamento de pessoas

sofrem mais. As últimas posições do ranking geral sobre a desigualdade são dominadas por países do norte da África e do Oriente Médio.

Mas que governos estão fazendo mais para melhorar a inclusão econômica e a igualdade de salários entre os sexos?

Fonte: (<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2015/07/25/voce-provavelmente-nao-estara-viva-para-ver-igualdade-entre-homens-e-mulheres-no-mercado-de-trabalho.htm>).

ANEXO – MULHERS VÃO LEVAR 80 ANOS PARA SE IGUALAR AOS HOMENS

Edição do dia 16/08/2015

16/08/2015 21h51 - Atualizado em 17/08/2015 15h37

Mulheres vão levar 80 anos para ter salário igual aos homens, diz pesquisa

Brasil ficou entre os últimos colocados em ranking mundial que analisou a desigualdade de salários em 142 países.

FACEBOOK

Uma situação injusta vai levar muito tempo para ser corrigida: a diferença de salários entre homens e mulheres. Uma pesquisa mostrou que vai demorar 80 anos para elas ganharem o mesmo que eles. Igualdade de salários só em 2095.

Ronda Rousey. Mega lutadora de UFC, um fenômeno que deixou o Brasil boquiaberto. Número um do ranking mundial entre as mulheres. Ganha um terço do que um campeão de UFC masculino ganha.

Meryl Streep. Superatriz de Hollywood. Recordista de indicações ao Oscar, o prêmio máximo do cinema. Ganha menos da metade do que os atores mais bem pagos.

Num ranking mundial que analisou a desigualdade de salários em 142 países: o Brasil ficou entre os últimos colocados: na posição 124.

O Brasil não tem nenhum motivo para se orgulhar quando falamos de igualdade salarial entre homens e mulheres. Os últimos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que as brasileiras ganham, em média, 76% da renda dos homens. E um estudo mundial alerta que essa igualdade tão desejada por nós vai demorar a chegar: só em 2095.

Como vencer essa desigualdade?

“Certamente se ela já teria sido desfeita ou minimizada”, diz Sônia Giacomini, antropóloga da PUC-RJ.

Na lei a igualdade já existe. A Constituição brasileira proíbe diferença de salário e discriminação nas contratações. Mas muitas vezes é justamente na contratação que a desigualdade começa.

“A mulher também nas funções básica do trabalho, já ganha menos que o homem”, diz Felipe Santa Cruz, presidente da OAB-RJ.

“As mulheres têm dificuldade de se inserir no mercado. E quando ela entra, ela entra com um rendimento mais baixo que o dos homens”, afirma Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE.

E quanto maior a escolaridade da mulher, maior é essa diferença. Trabalhadoras com curso superior completo recebem em média 60% da renda dos homens com o mesmo nível. E qual seria a reação se essa diferença de salário virasse um desconto pras

mulheres? O Fantástico fez o teste em um restaurante do Rio de Janeiro. Se no Brasil elas ganham em média 24% menos, vão pagar menos 24% na hora do almoço.

Nos Estados Unidos, uma loja de arte lançou a campanha: “Pague quanto você recebe”. Na cidade americana, assim como no Brasil, as mulheres também ganham 24% menos que os homens. Por isso, tiveram esse desconto sobre todos os produtos.

“Foi uma maneira divertida e leve de tratar um assunto tão sério como esse”, diz Elana Schlenker, criadora do “Less Than 100”.

O governo brasileiro reconhece que a desigualdade entre os salários precisa ser vencida.

“De que depende pra mudar isso? Depende de políticas públicas que estimulem a participação das mulheres, a quebra do preconceito no mundo das organizações internas no trabalho para acabar de vez com o preconceito de que mulher não pode ser chefe, de que mulher não pode ocupar cargos de direção” afirma Eleonora Menicucci, ministra da Secretaria de Política para as Mulheres..

Silvia de Mello já trabalhou em duas multinacionais. Hoje, é diretora de vendas, e forma novas lideranças numa empresa de cosméticos. “De fato eu não vivi isso e não presenciei esse tipo de discriminação salarial. Diferença entre homens e mulheres de mesmo cargo”, diz Silvia.

Ela é uma exceção. E vai continuar sendo. Enquanto o mercado de trabalho não reconhecer que homens e mulheres tem o mesmo valor.

“Que seja repensada essa ideia de que existe um trabalho feminino, específico, o qual a mulher seria capaz de realizar. Ou seja, as mulheres são igualmente vocacionadas como os homens a todos os tipos de função”, defende a antropóloga Sônia Giacomini.

Fonte: (<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/08/mulheres-va-levar-80-anos-para-ter-salario-igual-aos-homens-diz-pesquisa.html>).